

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ESPIRITUALIDADE

Clesley Maria Tavares do Nascimento

Introdução

O presente artigo traz alguns questionamentos sobre o aspecto espiritual da Educação Ambiental e sua abordagem no processo de ensino-aprendizagem. Assim sendo, consideramos pertinente expor as dúvidas e reflexões surgidas durante a caminhada como educadora e ambientalista. Também será aqui relatada a experiência oriunda das aulas de campo ocorridas no aldeamento Pitaguary, responsável por desvelar os véus da relação do espiritual com a educação ambiental.

Era comum iniciar as aulas de Educação Ambiental conceituando meio ambiente como a interação entre os aspectos físico, biológico, social, cultural, político, psicológico e espiritual. Discorria sobre cada um deles, visando facilitar a aprendizagem daqueles que ali se encontravam, mas quando abordava o aspecto espiritual, surgia um certo desconforto, talvez remanescente da educação tradicional na qual fomos formados, cujo “espírito sempre foi um campo exclusivo das religiões.” (YUS, 2002, p.109).

Diante deste contexto foram surgindo questionamentos: Como trabalhar o enfoque espiritual na Educação Ambiental mantendo uma postura crítica? Como explicar o enfoque espiritual e sagrado, do meio ambiente, mantendo a credibilidade e superando o medo de parecer “ridícula” diante dos alunos e colegas de profissão?

Com o tempo, percebemos que os sentimentos de insegurança e inadequação relacionados ao tema eram fomentados

pela lógica do sistema econômico vigente, que supervaloriza a razão e a subordina à natureza, aos desejos e às ações antrópicas. Boff (1999) argumenta que essa lógica se mostra destrutiva da Terra e de seus recursos, da espiritualidade e do sentimento de pertença a algo maior que a razão possa explicar.

Em conformidade com o pensamento exposto, Façanha (2004, p.44) adverte que:

Com a vida humana e a natureza dessacralizadas e com os comportamentos que tocam a exploração de ambas devidamente naturalizados, justificados, o arranjo econômico-político capitalista coloca em movimento sua quinta e não menos importante estratégia de sustentação: rejeitar, afastar, excluir, reprimir toda e qualquer visão que lhe seja alternativa ou contraposta.

A espiritualidade, em essência, já se contrapõe ao arranjo capitalista, pois é substancialmente integradora do ser, contrária ao pensamento fragmentado, cartesiano, que rege a orquestra degradadora dos recursos naturais que assistimos nesses tempos de crise. Desta forma, urge reavaliar os pressupostos que embasam o conhecimento que norteia as ações humanas diante da natureza.¹ Isto implica como diz Leff (2001) em incorporar novos valores e sentidos ao conhecimento, presente em todo processo de significação do mundo e de apropriação da natureza.

Pela observação dos aspectos analisados corroboramos com Boff (1999) sobre a urgência de um novo *ethos* civilizacional, que nos permita dar um salto de qualidade na direção de formas mais cooperativas de convivência entre os seres hu-

¹ Para Maturana(2005) a sociedade ocidental está mergulhada na ideia de que é preciso controlar a natureza por acreditar que o conhecimento leva ao controle. Mas que isto não ocorre, pois o conhecimento não se traduz em controle e sim no entendimento, na compreensão, que leva a ações harmônicas com os outros e o meio.

manos e os demais seres da comunidade biótica, planetária e cósmica, visando um reencantamento face à majestade do universo e à complexidade das relações que sustentam todos e cada um dos seres.

Sobre a Educação Ambiental, Holismo e Espiritualidade

A educação ambiental não se refere apenas a uma situação pedagógica, ela é tecida e enriquecida no diálogo em torno de uma determinada situação existencial. Assim, é imprescindível criar espaços dialógicos, onde os sujeitos possam expor suas subjetividades reflexivas a respeito das ações que exercem no entorno, significando-as.

Para Freire (1987), o diálogo é uma exigência existencial, é nele que homens e mulheres se constroem, vivenciando a ação reflexiva que origina o pensar crítico, único capaz de gerar o diálogo, sem o qual não há comunicação e nem a “verdadeira” educação. Nesse sentido, a educação é percebida como prática libertadora, emancipatória, balizada no pensamento crítico, o qual não comunga com a dicotomia mundo-homens, pois reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade.

Neste sentido, podemos considerar o diálogo como prioridade de qualquer educação comprometida com a emancipação do ser, independentemente dos adjetivos atrelados a ela, realidade que a torna única e livre dos modismos educacionais. Para Brügger (1999) “[...] o “ambiental” deveria ser parte intrínseca da educação como um todo e não de modalidade ou uma de suas dimensões [...] (p.78). Desta forma, levando em consideração que não há processo educativo fora do meio ambiente, é possível afirmar que toda educação é originalmente ambiental.

Portanto, é sobre o agir dos homens-mundo nesse “mundo-homens” que a educação ambiental emancipatória se insere. Ao resgatar questionamentos esquecidos ou propositalmente deixados para trás, por aqueles que são avessos ao diálogo, ela vai se construindo, tematizando o meio ambiente em todos seus aspectos: físicos, sociais, culturais, políticos, psicológicos e espirituais; a partir de uma perspectiva holística, integrando às “partes” e o “todo.”

O enfoque humanista, holístico, democrático e participativo, assim como também a permanente avaliação crítica do processo educativo são princípios básicos referenciados na Política Nacional de Educação Ambiental Lei Nº 9.795/99. Este fato nos leva a questionar se é por acaso que a educação ambiental possui em sua fundamentação legal a visão holística, a totalidade do ser, reconhecida como princípio básico do saber-fazer ambiental.

Sobre o paradigma holístico Albuquerque discorre:

O paradigma holístico relaciona-se de modo relevante à concepção sistêmica, que aprofunda o entendimento no modo como interagem as partes e o Todo, tendendo à ordem, à evolução e a autorrealização. O paradigma holístico dá conta de levar os novos conceitos emergentes do século XX para salutar dissolução ou reorganização das tendências reducionistas, seja no campo da ciência, da religião ou de qualquer outra área de atividade humana, inclusive a educação. (2011, p.85).

Apresentando uma abordagem aproximada do autor supracitado, Capra (2008) comenta que, durante o século XX, a mudança do paradigma mecanicista para o holístico não ocorreu uniformemente, mas de forma e velocidade diferentes em várias áreas científicas. Para o autor, a tensão bási-

ca desta mudança de paradigma é a tensão entre as “partes” e o “todo”, em que a ênfase nas partes tem sido chamada de mecanicista, reducionista e a ênfase no todo de holística, ecológica, organística ou sistêmica.

A estreita relação entre o holismo e o aspecto ambiental foi retratada na Declaração de Chicago, resultante da VIII Conferência Internacional de Educadores Holísticos, em 1990:

O holismo enfatiza o desafio de criar uma sociedade sustentável, justa e pacífica, em harmonia com a terra e sua vida. Implica uma sensibilidade ecológica, um profundo respeito pelas criaturas indígenas e modernas, e também pela diversidade de formas de vida no planeta. O holismo procura ampliar a maneira como nos vemos e a relação que temos com o mundo, exaltando nossos potenciais humanos inatos: o intuitivo, o emotivo, o físico, o imaginativo e o criativo, assim como o racional, o lógico e o verbal. (*Apud* Yus, 2002, p.21)

Por reconhecer e permitir em sua análise a complexidade da questão ambiental, a visão holística vem sendo apontada como caminho ideal para percorrer a dura jornada da atual superação paradigmática, originária das lacunas sem respostas deixadas pelo pensamento cartesiano.

Pela observação dos aspectos analisados, podemos afirmar que a educação ambiental é uma ferramenta estratégica na condução desse processo de transição de paradigmas, lembrando que mudança de paradigma implica em mudanças de atitudes, na internalização de novos valores, novos sentidos e significados para a existência humana. Nas palavras de Boff (1999), a permanente capacidade humana de criar sentidos e inventar símbolos é própria de um ser portador de espírito. Hoje, após séculos de cultura material, estamos optando por uma nova filosofia, holística, ecológica e espiritual capaz de

devolver ao ser humano o sentimento de pertença à Terra, ao universo e ao propósito divino.

A perda do sentimento de conexão com a natureza é mais comum do que se pensa, é característico da ideologia dominante separar o humano do natural. Essas fragmentações dificultam a compreensão sistêmica nossa com tudo o que nos cerca, pois nos coloca como algo externo e conseqüentemente alheio à degradação planetária. A dissociação do humano com a natureza rendeu-lhe até uma natureza própria: “a natureza humana”. Como se homens e mulheres não fossem constituídos por e pelo ambiente onde vivem.

Resgatar o sentimento de pertencimento à Terra é fundamental ao processo de sensibilização para a resolução dos problemas ambientais pelos quais estamos passando. Muito do descaso que há para com o cuidar da Terra deve-se, em parte, devido ao ser humano considerar-se à parte da natureza, esse “desligamento” forjado pelo pensamento cartesiano, dificulta a implementação e a continuidade de ações educativas ambientais, pois é difícil cuidarmos daquilo que não nos pertence ou que não sentimos pertencer; a convivência harmoniosa entre os seres e o meio é dependente deste sentir. Maturana (2005) adverte que, [...] somos como somos em congruência com nosso meio e que nosso meio é como é em congruência conosco, e quando essa congruência se perde, não somos mais.” (p.63). Logo, deixamos de ser quando não mais sentimos e nos reconhecemos pertencentes à Terra, a interação que deveria ocorrer entre nós com o que nos rodeia não acontece, então passamos a nos sentir desconectados, fragmentados e vulneráveis, tornamo-nos buscadores de algo que não sabemos o que é, embora tenhamos a vaga lembrança de sua existência.

Embora, como bem coloca Yus (2002) esse sentimento de estarmos desconectados é mera ilusão. Tanto a mística, como a física subatômica afirmam que estamos todos conectados a algo que vai além de nós mesmos; somos parte de uma realidade espiritual mais ampla, que pode ser ativada através de uma relação mais orgânica com a natureza. Mas, para que isso ocorra, é necessário que a natureza continue a existir; a qualidade da conexão, entre nós e o todo, é diretamente proporcional ao nível de conservação e respeito que concedemos a nós, ao outro e a tudo que nos cerca. A convivência harmônica com a natureza e a espiritualidade tecem a teia vital, nos faz sentir seguros, acolhidos e pertencentes a algo maior e divino.

Abordando essa questão e adicionando o aspecto educacional, Maturana (2005) postula que é preciso educar para recuperar tal convivência harmônica, educar para não explorar, destruir ou abusar da natureza. Educar de modo que o conhecimento não seja mensurado pelo grau de domínio do mundo natural e sim pelo desejo em conhecê-lo, e que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive. Para tanto, é necessário respeitar o mundo natural que nos sustenta, devolver o que se toma emprestado da natureza.

Entendemos que essas considerações são suficientes para retratar, de forma clara e plausível, o aspecto espiritual contido na educação ambiental. Embora saibamos que esse entendimento necessita que cada um de nós se perceba como elo integrante de uma realidade maior, cuja soma das partes é bem maior que o todo. E que este todo se compõe de aspectos materiais e imateriais, visíveis e invisíveis, mas que, embora sejam abstratos, estão presentes e são fundamentais para a manutenção do nosso equilíbrio, homem e planeta.

Sobre os Pitaguary

Os Pitaguary compõem o grupo das 12 etnias indígenas do Ceará, localizam-se nos municípios de Maracanaú e Pacatuba e têm uma população estimada em 2.800 pessoas. Atualmente, suas terras se encontram em processo de demarcação, e eles reivindicam parte do território do centro da aldeia, que ficou fora da demarcação devido a uma decisão judicial, fato que contribui para a demora do reconhecimento de suas terras².

A luta pelo reconhecimento da terra indígena é, *a priori*, a luta de um povo por sua identidade cultural; cabe destacar que a identidade indígena está visceralmente interligada a terra. Assim, entendemos que o não reconhecimento das terras indígenas perpassa pela negação da existência de um povo. Para Diegues (1996), reconhecer-se pertencente a um grupo social específico é um dos critérios mais importantes para definição de culturas e populações tradicionais. O autorreconhecimento faz parte de um processo de identidade construída ou reconstruída, a partir de conflitos com a sociedade urbano-industrial e os novos mitos criados por esta.

Foi justamente em 2008, quando saiu a decisão do juiz negando o reconhecimento do território do centro da aldeia, que realizamos a nossa primeira aula de Educação Ambiental no aldeamento. Apesar da tensão em torno da posse da terra, fomos muito bem recebidos pelo cacique Daniel; desde então, através das aulas, nosso contato vem se estreitando.

A dinâmica das aulas de Educação Ambiental no aldeamento Pitaguary, foi se modificando à medida que ia sendo

² Veja: direitos humanos e a questão indígena no Ceará — Relatório do Biênio 2007-2008

estabelecido um sentimento de confiança entre o cacique Daniel e nós. Inicialmente, as aulas se restringiam a uma conversa com o cacique em uma oca construída ao lado de sua casa, onde ele costuma relatar a história de luta pelo reconhecimento da etnia Pitaguary e da terra. Durante uma dessas conversas na oca, uma aluna perguntou ao cacique: o que é ser índio?

O índio não é só caracterização, é a espiritualidade, é a luta pela etnia, até porque com as atuais mudanças, o crescimento urbano a civilização cada vez mais se aproximando das aldeias, que se os índios não tiverem cuidado, eles avançam nas terras indígenas como aconteceu com eles. Então ser índio está na espiritualidade, na sua cultura, nos seus costumes, ser índio não é apenas aparência e sim uma realidade, mesmo com as mudanças pelas quais todos os seres humanos vêm passando. Mas o índio tem uma cultura diferenciada que não se aprende em estudos, mas sim é passada pelas vivências através das gerações, com o conhecimento passado dos antepassados. (Cacique Daniel, 2009)

Naquele momento, esta definição conseguiu esclarecer as dúvidas e dificuldades que tínhamos ao associar a espiritualidade à educação ambiental crítica. Mostrou-nos também que, quando nos conectamos com a natureza e nossa origem ancestral, estamos nos educando ambientalmente, de forma integradora, sem cortes, sem partes e com o todo, nos fortalecendo para lutarmos por nossos direitos.

Tendo em vista os aspectos observados, cabe mencionar um elemento fundamental para afirmação da identidade e resgate da cultura Pitaguary: a dança do Toré; ritual sagrado executado na forma de um grande círculo, em que homens e mulheres dançam e entoam cantigas que falam dos seres da natureza e seus deuses, ao som das maracás³ e dos tambores

³ Maracá- tipo de chocalho feito com cabaça e sementes.

posicionados no centro da roda. Segundo os Pitaguary, enquanto eles dançam e cantam o ritual do Toré, a “Mangueira Sagrada” chora, lembrando as dores de seus antepassados escravizados. Nas palavras do cacique Daniel (2009), “os índios têm uma história de sofrimento igual a dos escravos, explorados pelos donos dos canaviais.”

Outra manifestação de cunho espiritual são as reuniões que acontecem embaixo da “Mangueira Sagrada”, onde os Pitaguary discutem questões relevantes ao destino do aldeamento. O cacique acredita que as discussões e decisões que acontecem à sombra da mangueira centenária recebem a força e proteção da mata, o teor sagrado do local remete ao período da escravatura, pois os índios eram ali açoitados. Geralmente, encerramos a aula de educação ambiental no aldeamento, de mãos dadas em torno da “Mangueira” com o cacique fazendo uma prece católica e outra, de origem indígena, para o deus Tupã e a Mãe Terra.

Consideramos pertinente expor essa experiência com os Pitaguary, devido à carga de representação simbólica e mística existente. Concordamos com Diegues (1996) quando coloca que é importante analisar o sistema de representações, símbolos e mitos de uma população, pois é com base nele que os indivíduos agem sobre o meio. Nesse sentido, podemos concluir que o uso racional dos recursos naturais tem estreita relação com o místico, por isso “o ser humano precisa refazer essa experiência espiritual de fusão orgânica com a Terra, a fim de recuperar suas raízes e experimentar sua própria identidade [...]” (BOFF, 1999, p.78).

Referências

ALBUQUERQUE, Arnóbio. *As contribuições de Paramahansa Yogananda à educação ambiental*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

AVELINE, Carlos Cardoso. *A vida secreta da natureza: uma iniciação à ecologia profunda*. Blumenau: Ed. da FURB, 1999.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano- compaixão pela terra*. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

BRÜGGER, Paula. *Adestramento ou educação ambiental?* 2. ed. Florianópolis-SC: Livraria e Editora Obra Jurídica Ltda. Coleção Tese, v. IV 1999.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2008.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. *O mito moderno da natureza intocada*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

FAÇANHA, Jairo. *Terra: a vida nas mãos das ilusões: uma perspectiva ecológica profunda na inspiração de uma consciência ética, cuidadosa e responsável*. Fortaleza, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LEFF, Enrique. *Saber cuidar: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

MATURANA, R. Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. 4ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da, AIRES, Max Maranhão. *Direitos humanos e a questão indígena no Ceará — Relatório do Biênio 2007-2008*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2009.

YUS, Rafael. *Educação Integral: uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002.